

Em torno da casa brasileira arquitetura, raça e formação no pensamento de José Marianno Filho

João Marcelo Alves Barbosa

Prof. Dr. Francisco Sales Trajano Filho

Universidade de São Paulo – Instituto de Arquitetura e Urbanismo

jm14barbosa@usp.br

Objetivos

A pesquisa em questão teve como objetivo entender o debate sobre a arquitetura no Brasil entre os anos 1910 e 1930, tendo em seu núcleo o tema da casa brasileira. Teve-se como interesse, de forma mais específica, criar uma análise sobre esse debate com base no pensamento do médico e mecenas José Marianno Carneiro da Cunha Filho, cujo posicionamento polêmico em defesa de uma arquitetura genuinamente brasileira se opõe às tendências modernas, que estavam em alta no fazer arquitetônico da alta sociedade brasileira. Marianno Filho instrumentaliza, através de artigos e periódicos analisados neste trabalho, a fundação de seu discurso sobre uma arquitetura de caráter nacional, pensada a partir de sua relação com a raça, o meio, o clima, a sociedade e a nação.

Métodos e Procedimentos

A metodologia esteve pautada, de forma inicial, no estudo teórico de bibliografias já existentes acerca da formulação da ideia de “casa brasileira” no pensamento de José Marianno Filho, vista a partir dos nexos com as noções de meio e, especialmente, raça, entre as décadas de 1920 e 1940. Para além disso, fez-se o levantamento dos escritos de José Marianno Filho, e alguns de seus

contemporâneos, no que concerne à questão da “casa brasileira”.

Para a catalogação dos artigos de autoria de Marianno Filho com base nos termos de interesse desta pesquisa, utilizou-se a Hemeroteca Digital Brasileira, que dispõe de acervo e filtros suficientes para encontrar tais escritos.

Na revisão bibliográfica sobre o tema e na investigação sobre a trajetória de vida de José Marianno Filho, utilizou-se as referências indicadas no Projeto de Pesquisa, além de autores e citações encontradas por buscas no ambiente virtual.

Resultados

Em relação à concepção de José Marianno Filho sobre o que seria a ‘Casa Brasileira’ foi possível interpretar, a partir dos artigos coletados, que tratava-se, para o autor, de uma alegoria do que seria a arquitetura genuinamente brasileira. A Casa Brasileira equivalia a um instrumento social de nacionalidade. Assim, não se resumia à análise de técnicas construtivas e soluções projetuais de arquitetos: era preciso ter em mente que a arquitetura era o cenário de uma sociedade que começava a se mostrar para o exterior. Era, portanto, algo crucial para a consolidação da imagem do Brasil diante do mundo. O escritor

buscou, por meio dessa alegoria, resgatar as tradições construtivas brasileiras, ao mesmo tempo que revisita a arquitetura colonial do século XVIII. Para ele, era necessário reproduzir, pela arquitetura, elementos da vida familiar e patriarcal, que foram marcantes na formação da sociedade brasileira.

No que se refere ao debate sobre a arquitetura no Brasil entre os anos 1910 e 1930, os artigos coletados também resultaram na confirmação de que se é por meio das fortes críticas de José Marianno que sua opinião se torna admirada, é devido a elas também que o escritor passa a ser hostilizado no auge do movimento moderno. Observou-se por exemplo, pelos achados na Hemeroteca Digital, que Cristiano Stockler das Neves, arquiteto renomado e influente na política paulista, afirmando que tanto o Brasil quanto a própria sociedade brasileira não eram consolidados o suficiente para emplacar um estilo arquitetônico autoral de forma coesa.

Observou-se, contudo, que esses contrapontos não abalaram a escalada de influência de Marianno Filho na propagação de sua ideia. O mecenas presidiu a principal academia formadora de arquitetos do Brasil, a Escola Nacional de Belas Artes, entre os anos de 1926 e 1927, consolida apoiadores do estilo neocolonial em um contexto no qual a arquitetura moderna estava muito em alta no Brasil.

Conclusões

A pesquisa revisitou, com recortes precisos, o contexto histórico e a bibliografia já existente sobre José Marianno Filho, de forma a trazer um conhecimento geral sobre o indivíduo estudado e sua influência no contexto da arquitetura brasileira. Em seguida, por meio da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional, analisou-se a presença de José Marianno Filho no noticiário O JORNAL entre os anos de 1920 e 1926.

A catalogação feita deixou clara a influência de Marianno Filho no ambiente de trabalho da arquitetura, apesar de possuir formação em

outra área. Seu profundo conhecimento sobre arquitetura o deu um forte embasamento teórico para defender suas ideias, como se observa na Edição 01795 - O JORNAL (RJ) - Ano 1924, na qual trata dos conflitos do dia a dia da profissão, e na Edição 09140 (1) - CORREIO DA MANHÃ (RJ) - Ano 1924, em que os “Dez mandamentos do Estilo Colonial” são postulados por Marianno Filho com riqueza de argumentos.

Além disso, após a análise mais a fundo do conteúdo do corpus documental constituído, com a intenção de trazer à luz outros temas nos quais José Marianno Filho esteve envolvido durante sua trajetória, as reflexões promovidas pelo mecenas tomaram forma física através de sua própria moradia, o Solar Monjope - muitas vezes mencionada como ponto de grandes encontros da alta sociedade. Nesse casarão, observava-se todas as características da arquitetura que, para Marianno Filho, era a genuinamente brasileira.

Referências

BITTAR, W. A Formação da arquitetura moderna no Brasil (1920-1940). IN: Anais do 6º Seminário. DOCOMOMO Brasil. Niterói, 16 a 19 de novembro de 2005.

MINGORANCE, Wilson Ricardo. O embate sobre a arte, a arquitetura e a cidade do século XIX em José Marianno Filho. UNIFESP, 2013.

MARIANNO FILHO, José. Arquitetura Tradicional. O JORNAL (RJ). Ano 1922\Edição 01080.

A CASA BRASILEIRA: Conferência do Dr. José Marianno Filho. O Jornal, Rio de Janeiro, 21 jun. 1924, p. 3.

OLHOS DE VER - O que restou do Solar Monjope, ícone do Neocolonial demolido nos anos 1970 (2023) - <https://olhosdeverrj.com.br/?p=3070> Acesso em: 30/08/2024